

# “O Mais do Meio de Todos”



CAROLE BARNES

Os médicos viam um menino sem condições para uma vida normal. Eu via meu filho, que caminhava pela vida numa cadência especial, num ritmo diferente

**O** MENINO não está muito longe de nós. Você poderá vê-lo claramente através daquelas árvores, se ficar parado e olhar atentamente. Sim, lá está êle, logo além do pinheiro mais alto. Segura uma fôlha de grama na mão e seus lábios se movem enquanto conversa com a grama. Agora levanta a ca-

beça e olha através do desfiladeiro para a montanha do lado oposto. Observe-o ao se levantar. Tem 15 anos, é ereto e alto. Daqui a um momento êle se voltará e nos verá, e seu rosto será iluminado com um sorriso tão radioso que você se sentirá profundamente enternecido. Êsse é David, e não há em todo

o mundo outro menino como êle.

Não é sempre que David sonha serenamente, como você o está vendo agora. Às vêzes êle joga *tetherball*,\* batendo com fôrça para enrolar a corda em volta de todo o poste instalado junto da porta do nosso porão. Ou brinca de pegar com Pepper, seu cachorrinho branco e prêto, que fica em pé em troca de prêmios, dorme na cama de David e lhe lambe as orelhas. Tôdas as noites David fica sentado à mesa no seu quarto, com um livro aberto diante de si, lendo num murmúrio baixinho. Suas histórias prediletas são as do Rei Artur e seus nobres cavaleiros; de Jasão, à procura do velo de ouro, e do valente cachorro Buck, no livro *O Apêlo Selvagem*, de Jack London. David olha as figuras com enorme concentração, franzindo ligeiramente a testa num esforço para gravá-las. Os cabelinhos no dorso de sua mão morena têm um brilho amarelo sob a luz da lâmpada da escrivaninha, enquanto seus dedos seguem vagorosamente as linhas impressas através da página.

No nosso escritório há um sofá marrom, de espaldar alto. David apropriou-se da extremidade esquerda do sofá. Há momentos em que êle precisa refugiar-se ali e fechar as portas ao mundo. Uma vez sòzinho,

\* N. da R.: *Tetherball*—jôgo norte-americano, em que dois adversários, munidos de raquetas, batem numa bola pendurada num poste por um barbante, até conseguirem enrolar todo o barbante ao longo do poste.

êle se balança ritmadamente no sofá, batendo com as costas num lugar onde o estofamento já está gasto. Nesses momentos David aprecia a escuridão e o silêncio. Êle tem sua própria luz dentro de si e ouve sua própria música. Compreendemos, há muito, que o resto de nós não conseguiria ouvir a música de David, nem acompanhar o seu ritmo, porquanto êle caminha através da vida numa cadência especial, regido por uma batida diferente.

Nossa família compõe-se de cinco pessoas: o pai, eu e três filhos. Neste círculo, David vive no seu lugar especial. Certa vez alguém lhe perguntou pelos irmãos, e êle explicou com orgulho: "John é o menino mais grande de nossa casa, Ben é o mais pequeno, e eu . . . eu sou o mais do meio de todos."

Na praia nós cinco assamos salsichas e torrões de *marshmallow* nas brasas. Escalamos montanhas e dormimos debaixo de grandes árvores, navegamos no nosso barco e procuramos recantos escondidos para nadar, ou ficamos em casa para trabalhar e estudar, varrer os assoalhos, despejar o lixo, juntar as fôlhas e regar o jardim. Uma vida perfeita e feliz, diria você? Bem, nem sempre. Temos um inimigo que espreita ameaçadoramente o nosso círculo familiar.

Nosso inimigo tem muitos rostos e muitas armas em seu arsenal. Aparece nas pessoas de médicos e psicólogos, professôres e amigos bem-intencionados. Fala com condescendência nas secretarias das escolas,

em tom piedoso nas salas dos amigos, datilografa volumosos relatórios que nos encaram das superfícies reluzentes das secretárias de homens sábios. O objetivo do inimigo é tirar David do seu lar e colocá-lo numa espécie de jaula conhecida por "oportunidade para os quase ineducáveis".

O inimigo diz que David é incapaz de apreender idéias, de resolver problemas, de aprender a nadar e de fazer amizades. O inimigo, porém, calculou mal a nossa força, subestimou a paciência do pai de David, a perseverança da mãe e o engenho de seus irmãos. Acima de tudo, o inimigo não percebeu a resistência do próprio menino, seu empenho em crescer, seu desejo ardente de alcançar as estrêlas.

Mas agora o inimigo está apertando o cêrco, e sua terrível arma secreta começou a encontrar o alvo. Teríamos vencido as batalhas durante os últimos 15 anos para agora, finalmente, perdermos a guerra? Devemos empacotar o nosso filho, entregá-lo, debatendo-se, a pessoas estranhas, sem rosto, que guardam as chaves de um portão trancado?

A arma secreta é um cavalo-de-tróia. A nossa defesa está ruindo de dentro. O inimigo conseguiu atingir David, enchendo-o de pavor. Seus irmãos, também, estão começando a duvidar. "David não pode ficar jogando bola a vida inteira. Quem cuidará d'ele quando crescer?", indagam êles.

E o inimigo me imprensa contra a parede, uma parede dura, intransponível, que não cede aos meus golpes, nem se derrete com as minhas lágrimas.

—*Que é você?*—grito eu.—*Que poder tem você capaz de vencer o amor?*

—*Eu sou a Realidade*—diz a parede.—*Você nunca me viu, mas eu sempre estive aqui.*

—*Você quer David. Mas não me tirará meu filho.*

—*Eu venho por você, não por David.*

PASSADO algum tempo, minhas lágrimas cessaram, e eu levantei o rosto das mãos. O silêncio era pesado no consultório onde me encontrava, e o homem do outro lado da escrivaninha apenas fitava silenciosamente os papéis à sua frente.

—Doutor...—comecei eu.

O homem levantou os olhos.

—O seu relatório, Dr. Nale, contém palavras que eu não posso aceitar. O senhor diz que David tem uma séria perturbação motora e da percepção por causa de uma lesão no cérebro. O senhor o faz parecer um ser incompleto e sem esperança.

—Isso são palavras para profissionais, Sr.<sup>a</sup> Barnes, e não para pais. É claro que a senhora não vê o mesmo menino que eu vejo. Não poderia. Eu vejo um paciente—um jovem simpático, inadequado, que precisa de auxílio especial. A senhora vê seu filho.

—Mas um centro de excepcionais?

Trancado num dormitório sombrio, com centenas de deficientes babando?

—Sr.<sup>a</sup> Barnes, por que trouxe êste menino aqui para exame? Êle é feliz nas circunstâncias atuais? A senhora está satisfeita com a situação dêle na escola?

Meus olhos baixaram sôbre o desenho do tapête bege. Meu olhar acompanhou a figura, da cadeira até à porta, depois voltou à secretária de nogueira.

—Não—murmurei.—No momento êle se sente solitário em casa, e infeliz naquela turma de excepcionais no colégio.

O médico tirou os óculos e limpou-os vagarosa e atentamente; depois, novamente de óculos, fitou-me intensamente.

—O abismo se tornará cada dia maior entre seu filho e o resto das pessoas. A senhora lhe deu um lar durante todo o tempo que êle agüentou. A senhora lhe ensinou tudo o que podia. Agora êle precisa de um treinamento especializado. E precisa, primeiro, tornar-se independente da senhora.

—Mandá-lo para longe o magoaria tanto, seria como se nós não o quiséssemos mais. Êle jamais compreenderia.

—Mandá-lo para longe será mais penoso para a senhora do que para David. Acredita realmente que êle precise tanto da senhora, agora, como a senhora precisa dêle?

Fiquei com esta terrível pergunta ecoando em meus ouvidos.

UMA NOITE, várias semanas depois, eu estava sentada com David no quarto dêle, para a nossa habitual sessão de leitura. De repente, o livro escorregou-lhe das mãos e caiu no chão.

—Não quero ler, mamãe. Detesto ler.

—Mas êstes livros são seus, querido, e, quanto melhor você conseguir ler, mais verá que gosta de ler.

—Não são meus livros. A senhora os comprou. São seus.

Ficamos os dois ali sentados algum tempo, imóveis e mudos. Nada jamais mudava naquele quarto, pois David queria tudo como sempre fôra. Uma colcha bege com desenhos de vaqueiros e diligências. Um tapête azul. Um buraco redondo na tela da janela, por onde David introduzia pedacinhos de queijo e alface para os camundongos. Uma grande cesta, cheia de pedras azuis, cinzentas, côr de laranja e amuletos de pedras com listras pretas. E por cima de tudo pairava um cheiro de menino, mistura de grama molhada, chicle de bola, meias e sapatos de tênis suados.

Meus olhos voltaram para David. Êle, sem expressão, fitava o soa-lho, os braços pendentes, frouxos, a bôca molemente aberta. Senti um frio percorrer meu corpo todo ao observar uma pessoa que eu nunca vira antes, a criança desnorteada que o Dr. Nale enxergava. Durante quanto tempo havia eu colocado a minha imagem dêste menino acima da sua profunda necessidade de coi-

sas que eu nem sequer possuía?

Durante tôda aquela noite fiquei deitada no limbo violáceo entre o sono e o despertar. Acima de mim agigantava-se aquela muralha implacável e inexorável.

— *Você diz chamar-se Realidade. Você se ergue assim sôbre meu filho, cobrindo-o com uma sombra de terror?*

— *Quando você me aceitar, o menino me aceitará, sem mêdo.*

— *Êle precisa ir para longe? Não precisa mais de mim?*

— *Êle precisa de você de outra forma; para buscar, para êle, as pessoas que poderão dar-lhe aquilo que você não pode.*

— *Êle ficará magoado.*

— *É verdade. Mas você enfrentará essa mágoa agora para que êle possa enfrentar tôda a vida dêle. Isso será o seu dote para o menino.*

Finalmente a manhã cinzenta e pesada arrastou-se pela janela adentro. Foi nesse dia que fizemos uma chamada interurbana para o Children's Village (Aldeia das Crianças), instituição particular para o tratamento e treinamento de jovens com lesões cerebrais. Informaram-nos que dentro de seis meses haveria uma vaga para David. Como os resultados de seus testes de aptidão eram um tanto inferiores aos que geralmente indicam a capacidade de chegar a auto-suficiência, a entidade o aceitou a título de experiência. Dependia de seu esforço e de sua reação a possibilidade de seguir o curso. Uma semana antes da partida,

contei a David os novos planos.

— Seu pai e eu resolvemos que você irá para outro colégio na próxima semana.

— Que colégio?

— Chama-se Village. Fica nas montanhas.

— Mas eu não quero ir para lá. Quero ficar aqui.

— É claro que quer. Nós também preferíamos que ficasse. Mas será melhor para você ir para o Village.

— Não será não. Eu não vou.

Durante tôda aquela semana David não desistiu do assunto do nôvo colégio.

— Por que me obriga a ir para o Village, mamãe?

— Você vai gostar mais de lá do que do colégio daqui. E você aprenderá mais.

— Vou detestar o colégio. Prefiro morrer a ir para lá.

— Você vai acostumar-se lá e depois se sentirá mais feliz.

— Eu quero afogar-me.

Minha ansiedade aumentava a cada hora. Com essa atitude negativa, resistindo com tôdas as fôrças, como poderia David tirar qualquer vantagem do Village? Conseguiriam êles chegar até David? Ou êle se trancaria num desespêro mudo, apavorado e gélido?

Chegou o dia. Arrumamos as malas. David não disse nada a caminho do aeroporto. No portão de embarque, ficamos todos a olhar uns para os outros. O pai e os irmãos se despediram dêle e depois David subiu a rampa e entrou no avião. Pela ja-

nela, vimos os três acenando até que decolamos. Uma vez no ar, David voltou o rosto para mim e falou:

—Sinto como se houvesse uma reprêsa atrás dos meus olhos.

—Uma reprêsa?

—Uma grande parede que está contendo a água. Há uma atrás dos meus olhos. E se eu mexer, ou piscar, a reprêsa se romperá e me fará chorar.

Segurei a mão dêle, e ficamos olhando os morros e as cidades que passavam lá embaixo.

HÁ UMA estrada de terra sinuosa que conduz ao Children's Village. Eu dirigia vagarosamente o nosso carro alugado, passando por vacas e cavalos, e de vez em quando uma casinha, atenta para ver onde deveria dobrar. Finalmente paramos num edifício baixo, de tijolo, em volta do qual havia alguns bangalôs que pareciam pequeninas casas de fazenda. Um riacho corria mansamente através de um grupo de árvores. Ao longe, os cumes nevados das montanhas cercavam o vale.

Entrando no edifício de tijolo, encontramos num refeitório onde várias crianças jantavam. Um jovem alto e desengonçado, de calças de zuate e camisa xadrez, aproximou-se de David e estendeu-lhe a mão:

—Você deve ser David. Meu nome é Bob. É um prazer conhecê-lo.

Apertaram as mãos.

—Você deve estar com fome. Venha comigo enquanto sua mãe vai

à secretaria. Temos torta e sorvete. . .

Os dois se afastaram.

Na secretaria eu assinei papéis. Depois, o jovem chamado Bob levou-me a ver o Village. Olhamos a estufa, onde os meninos arrumam bulbos em canteiros; a oficina onde consertam e retocam móveis; uma cozinha onde aprendem a cozinhar; as salas de aula e os bangalôs residenciais.

—Fale-me de David—disse Bob.

—Não estou interessado no Q. I. dêle. Desejo saber das coisas importantes. Êle anda de bicicleta? Êle gosta de jogar bola? Êle alguma vez pescou no rio?

Nossa visita às instalações terminou no bangalô dos adolescentes. David estava à minha espera junto da porta. Falou-me em voz muito baixa.

—Mamãe, eu quero voltar para casa agora.

—Sinto muito, David. Você vai ter de ficar aqui. Agora eu tenho de ir embora.

Beijei-o.

—Adeus, querido. Comporte-se.

Êle ficou a olhar para mim, com o braço de Bob em volta de seus ombros, enquanto eu caminhava rapidamente em direção ao carro. Havia uma reprêsa atrás de meus olhos.

DE VOLTA a casa, pareceu-me esquisito ter uma família de quatro, e não mais de cinco. Surpreendi-me fazendo mais um sanduíche por engano e colocando à mesa cinco tigelas de cereal na hora do café. Às vezes, na

hora de colocar a roupa dentro da máquina de lavar, perguntava-me onde estariam as meias de David. E a casa me parecia estranhamente silenciosa sem o som abafado que vinha do sofá marrom, no escritório.

Algum tempo depois de minha volta do Village, recebemos uma carta do assistente social: "Após alguns dias difíceis, David começou a sorrir. Agora está sempre risonho. Êste menino realmente sabe o que é trabalhar, e desempenha operosamente tôdas as tarefas que lhe são dadas. Esperamos que muita coisa se possa realizar com um garôto que mostra tanta alegria e fôrça e cuja personalidade é tão cheia de encanto e de calor."

E depois chegou uma carta do próprio David, penosamente escrita a lápis, em papel pautado: "Queridos Mamãe e Papai. Aqui o trabalho é muito duro e às vêzes divertido também. Consertei uma cadeira e ela ficou boa. Faço contas e planto

flôres. Bob nos levou para acampar e dormimos lá nas montanhas bem no alto. Bob diz que eu sou um bom escoteiro e também o melhor trabalhador na lavanderia de todo êste lugar. Sinceramente, seu filho David."

Meu marido e eu temos orgulho de todos os nossos filhos. O maior menino da nossa casa é um belo atleta, o melhor corredor do seu colégio. O menorzinho é um bom aluno, colocado entre os primeiros da sua turma. E o mais do meio de todos—David—é o melhor trabalhador da lavanderia na aldeia onde vive.

Ao olhar para o nosso jardim, parece que a qualquer momento veremos David, de pé, na grama, entre aquêles pinheiros. Não, não podemos vê-lo agora, mas êle não está, afinal, tão longe. Ouve com atenção, David, ouve o teu ritmo. Sobe, sobe até ao cume da tua própria montanha—e meu coração se regozijará e será feliz.



### *Desafinada*

**A**CHANDO que já era tempo de minha sobrinha de 14 anos saber que há outros sons além de música de bateria, arrastei-a comigo a um concerto sinfônico. Ela ficou em silêncio até ao fim do primeiro movimento. Então virou-se para mim e, num cochicho muito audível, disse:

—Acho que não compreendo isso muito bem, titia. Você vai ter de me dizer quando é que devemos começar a gritar.

—D. Hill, em *Today*, Inglaterra

Todo mundo sabe que o Aero-Willys é um carro resistente. Testado - e aprovado - durante 8 anos nas estradas brasileiras, na verdade as mais difíceis pistas do mundo.

Mesmo assim, a Willys tem Revendedores e Oficinas Autorizadas em todo o país.

Para que você receba, sempre que desejar ou precisar, esteja onde estiver, uma assistência técnica perfeita Prestada por técnicos especializados na fábrica. Com peças genuínas, garantidas.

Para que a garantia de fábrica que você tem quando recebe o seu carro "0" km, seja realmente válida em qualquer ponto do Brasil. Mesmo que você esteja no Estado do Amazonas. Ou na Foz do Iguaçu.

Para que você possa ir tranqüilamente a qualquer lugar. Sózinho, ou com a família no carro.

*Aero Willys*

**WILLYS 68**



©Willys-Overland - 68.1220

Adquira também o Aero-Willys através do Consórcio Nacional.